

GESTÃO E PLANEJAMENTO NO CARNAVAL DE RUA DE PELOTAS A PARTIR DOS ANOS 2000: PERCEPÇÕES E REFLEXÕES INICIAIS

FELIPI DOS SANTOS CORRÊA¹; THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS²

¹Universidade Federal de Pelotas – felipirc@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – thiagofolclore@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ao realizar um breve passeio pelo percurso histórico do carnaval pelotense, é possível constatar que são inúmeros os fatores influenciadores do cenário vivido pelo carnaval da cidade na atualidade. Tanto no âmbito das influências da formação cultural, quanto na perspectiva de sua composição estética ou da gestão de seus mecanismos organizacionais, ou ainda nas relações de poder estabelecidas entre os agentes do campo, destacam-se, pois, uma série de elementos complexos que se articulam entre si e encaminham a configuração um carnaval que busca refletir sobre sua própria identidade, no seu sentido mais amplo, convivendo com elementos do tradicional e do contemporâneo simultaneamente.

Neste sentido, o presente trabalho se propõe a socializar algumas reflexões realizadas sobre o Carnaval Pelotense no âmbito do Projeto de Pesquisa Folgedos e Danças Folclóricas Marginais do e no Rio Grande do Sul, no qual atuo como Bolsista da FAPERGS - Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul. Tal projeto é vinculado ao Curso de Dança – Licenciatura do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas e integra o Grupo de Pesquisa OMEGA – Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte (UFPel/CNPq)¹.

2. METODOLOGIA

O projeto de pesquisa, iniciado em 2014, encontra-se em fase de conclusão, com finalização prevista para o mês de agosto de 2020, já tendo realizado diversas etapas e também mapeado outras manifestações no Rio Grande do Sul além do carnaval de rua de Pelotas. Especificamente o presente excerto,

A investigação vem a se caracterizar como uma pesquisa teórica e pesquisa de campo com observação participante, de caráter descritivo e analítico, a partir do método antropológico comparativo, baseada em estudo de campo delimitado, numa intersecção com a base teórica de cunho etnográfico.

O desenvolvimento metodológico está apoiado em dois momentos principais e concomitantes de realização, sendo um de pesquisa bibliográfica que dá suporte ao outro, a pesquisa de campo. A pesquisa de campo do trabalho está apoiada na concepção antropológica defendida por Da Matta (1987), que disserta sobre o trabalho de campo numa perspectiva a partir da Antropologia Social.

Através da pesquisa de campo, Da Matta (1987) defende que é possível “vivenciar sem intermediários a diversidade humana na sua essência e nos seus dilemas, problemas e paradoxos”, onde o investigador deve produzir conhecimento tendo como foco direcionar-se no sentido de trabalhar mediante a perspectiva de intermediação possibilitada pelo contato direto com seu público (“nativo”). (DA MATTA, 1987, p. 150)

1 wp.ufpel.edu.br/omega

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Silveira (2005), ao analisar os elementos constitutivos do desfile carnavalesco pelotense da atualidade, destaca que a festividade popular acaba por constituir-se num palco privilegiado para a ressignificação das relações existentes na “sociedade moderno-contemporânea”, pelo fato de agregar em torno de si uma rede de relações sociais permeada por uma troca cultural intensa por parte de domínios sócio-culturais bem distintos.

Esta condição pode ser entendida mediante os diferentes papéis exigidos e presentes no âmbito do processo de realização do carnaval (do “antes” ao “depois”), uma vez que a ocorrência do mesmo somente se dá a partir de um complexo bastante articulado de mecanismos operacionais que envolvem agentes de diferentes naturezas como o poder público, a iniciativa privada, as associações carnavalescas, os foliões, o público e, de modo especial, as entidades que protagonizam o carnaval (escolas de samba, bandas carnavalescas, blocos burlescos, escolas mirins etc.), independente da classe social a que estes pertencem. Para a autora supracitada, “o carnaval brasileiro pode ser considerado, assim, um exemplo de mediação já que fronteiras sócio-culturais são cruzadas e flexibilizadas, permitindo um canal de comunicação inter-classes e entre distintos planos culturais”. (SILVEIRA, 2005, p.60-61)

Por sua vez, Barreto (1994) e Reis (2005) sublinham a presença das escolas de samba no carnaval de rua pelotense como símbolo de uma condição espetacular assumida na contemporaneidade, pondo tal categoria em evidência destacada e projetando o desfile do grupo especial como um dos pontos altos do carnaval, possivelmente o mais esperado pelo público e pela imprensa.

Este fator não pode ser desconexo da repercussão geral do carnaval em nossa sociedade, a partir da influência dos desfiles carnavalescos realizados em grandes capitais do país, especialmente o Rio de Janeiro, que, como já destacado por Cavalcanti (2001), tem influenciado os carnavais Brasil a fora desde a década de 1950. Desta forma, cria-se anualmente uma grande expectativa a respeito dos desfiles das escolas de samba do carnaval de rua que acontecem em Pelotas, onde se tomam, então, como referência estética, os desfiles cariocas (e, mais recentemente, também os de São Paulo) que são acompanhados pela televisão, pela internet ou mesmo assistidos ao vivo.

O crescimento das bandas carnavalescas no carnaval contemporâneo da cidade não impacta de modo decisivo, a nosso ver, nesta expectativa em relação ao carnaval realizado pelas escolas de samba, já que se trata de outro âmbito, outra categoria, com outras exigências técnicas, artísticas, organizacionais e regulamentares. Ou seja, mesmo percebendo que o movimento das bandas está em progressão desde a última década, o público, a imprensa e demais simpatizantes e integrantes do contexto carnavalesco constroem uma referência do carnaval de rua feito pelas escolas de samba tomando por base exemplos de outras realidades, mas ainda na esfera comparativa das escolas de samba.

Um aspecto que nos parece útil como comparação entre as bandas e as escolas de samba, nesta perspectiva referencial, diz respeito à organização e gestão do planejamento carnavalesco. Neste íterim, as bandas carnavalescas (e porque não dizer também as escolas de samba mirins) podem estar sendo consideradas, em alguns casos, como exemplos de organização de uma entidade carnavalesca que poderiam ser seguidos também pelos dirigentes das escolas de samba do grupo especial, em processo colaborativo.

A natureza espetacular que o desfile carnavalesco assumiu nos dias atuais, especialmente no âmbito das escolas de samba, natureza esta movida por diversos fatores e interesses (dentre os quais destacamos os econômicos), atravessa todo o processo de constituição do carnaval, desde seu planejamento até sua execução. Rosa (2004) entende que, pelo fato do carnaval de rua pelotense contemporâneo estar associado a esta ideia de espetáculo, a condição econômica é decisiva para a constituição do carnaval em si e das relações estabelecidas a partir dele. A autora, neste sentido, faz a seguinte crítica:

[...] O carnaval é um espetáculo que depende de muitos recursos financeiros. [...] É um carnaval elitista ao qual só tem acesso as pessoas que têm condições de pagar um ingresso para assistir ao espetáculo. Com isso, percebemos que o carnaval de Pelotas está indo ao encontro das grandes capitais, como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, mas isto está longe de se concretizar devido à falta de políticas públicas a serem aplicadas na cidade, onde não é possível apresentar um espetáculo satisfatório, o que é responsável pelo fato de que a população tenha saudade dos carnavais do passado e viva com este sentimento de nostalgia e afaste-se do carnaval. (ROSA, 2004, p.72)

O que foi possível detectar com clareza, neste contexto, é que Pelotas é exemplo de uma cidade bastante envolvida com o Carnaval. Mas que não respira o carnaval durante todo o ano, como em outros lugares do país, por exemplo, o Rio de Janeiro.

Durante os demais meses do ano, especialmente de abril a novembro, a cidade é palco de algumas atividades isoladas no âmbito do carnaval, como festas, eventos para angariar recursos e promoção de ações em parceria, inclusive com participações em eventos sociais e culturais de outras naturezas. Entretanto, o pensamento e planejamento mais específicos a respeito da gestão organizacional do carnaval, e mesmo dos desfiles de rua, acabam se concentrando nos meses e semanas mais próximas do calendário carnavalesco regular (a partir de dezembro), considerando que o carnaval ocorre na cidade normalmente em fevereiro ou março.

4. CONCLUSÕES

Obviamente, esta reflexão sobre gestão e planejamento não se pode adotar como condição como pré-requisito geral ou mesmo regra para todas as entidades carnavalescas. Existem, sim, casos isolados de carnavalescos e agremiações que possuem capacidade de mobilização maior junto às suas comunidades durante os demais meses do ano, inclusive exercendo um papel social relevante no entorno da sua própria comunidade, seja para a captação de recursos financeiros, para a realização de campanhas de arrecadação (agasalho, natal, dia das crianças etc.) ou, ainda, servindo como ambiente de lazer e combate à ociosidade.

De todo mofo, o reflexo de tais movimentos paralelos, por vezes, aparece de modo mais efetivo durante o período do carnaval, pois é perceptível que o envolvimento de uma comunidade que se encontra durante todo o ano repercute positivamente nas ações carnavalescas que tal entidade realiza. De outra sorte, nem sempre o impacto positivo desta condição representa a concretização de bons desfiles, conquista de campeonatos ou boas colocações nos concursos do carnaval de rua, uma vez que a influência dos fatores econômicos pesa bastante no momento dos resultados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, Alvaro. Carnaval pelotense: africano ou europeu? In: **Dois ensaios sobre carnaval e sociedade no Rio Grande do Sul**. Cadernos do CPG em História da UFRGS. 40p. vol. 9. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. O rito e o tempo: a evolução do carnaval carioca. In: ESTERCI, Neide; FRY, Peter; GOLDENBERG, Mirian. (org.). **Fazendo Antropologia no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- DA MATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- REIS, Marcos Vinícius da Souza. **Reflexões teórico-práticas sobre o processo de produção cultural-carnavalesca da Escola de Samba General Telles (Pelotas/RS)**. 2005. 43p. Monografia de Graduação (Curso de Bacharelado em Turismo). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2005.
- ROSA, Patrícia Milech. **O carnaval: uma análise do carnavalesco pelotense**. 2004. 91p. Monografia de Especialização. (Curso de Pós-Graduação em História da Formação Social do Rio Grande do Sul). Universidade Católica de Pelotas, Pelotas/RS, 2004.
- SILVEIRA, Ana Paula Lima. **O balé que deu samba: fronteiras e mediações de classe no carnaval da Escola de Samba General Telles – Pelotas/RS**. 2005. 94p. Monografia de Graduação (Curso de Bacharelado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2005.